
AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

CAPÍTULO 6 – “PIMENTAS” / CASAMENTO DA BEBÉ

	Página
1 – MUDANÇA PARA OS “PIMENTAS”	2
2 – TRABALHO: AGRICULTURA E GADO	3
3 – “DISTALAS” DE FUMO	5
4 – NASCIMENTO DO CAÇULA JOSÉ ARIMATHÉIA NEGREIROS	6
5 – CAPELA DOS PINTOS	7
6 – TEATRO: “O CEGO E A LEPROSA”	8
7 – CASAMENTO DA MINHA FILHA MARIA IZABEL (BEBÉ)	10
8 – POESIA DE DARCI MIRANDA: “SAUDADE”	15

Transcrito do Diário do Vovô Zotinho por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões, comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

1 – MUDANÇA PARA OS “PIMENTAS”.

Papai não querendo mais ficar em Passa Quatro, comprou-me o que lhe convinha e me deu três meses de prazo para vender resto das criações e desocupar a casa. Os meus irmãos já estavam todos casados, cada um com sua morada. Minha esposa aconselhou-me a irmos morar nos Pimentas, terreno nosso, herdado de minha mãe, lá no alto da serra, para descansarmos um pouco dessa labuta.

Aceitei o seu conselho. Comprei por trinta mil reis de um arrendeiro da Carmita, uma casinha se sapé com três cômodos: uma cozinha no meio, um quarto de um lado e um quarto e sala de entrada de outro lado. Ficava na beira do córrego da divisa com meus terrenos.

A mudança para lá foi fácil. A patroa arrumou as panelas, as roupas e os colchões. Lá na Casa Grande a Carmita tinha uma vaca dando leite, a qual eu compraria no fim do mês. Ela disse que não queria dinheiro, mas sim uma bezerrinha. E assim, ela arrumou umas 15 ou vinte novilhas. Vendi toda a criação, levando comigo para os Pimentas, o gado da Carmita, com a condição de criar para desfrutar o leite dela. O gado já tinha umas três ou quatro com cria dando leite.

Num sábado cedo arrumei os cargueiros. Minha esposa estava com um quadro da morte de São José embaixo do braço, quadro este que foi de minha mãe, que eu conservo até hoje. Os cargueiros iam na frente e a Maria com a criançada acompanhando. Passei o dia lá em baixo. De tarde eu arriei o cavalo e fui.

De longe eu avistei a criançada brincando em um terreno limpo, em roda de uns pessegueiros carregados de bonitos frutos. Na porta da casa, a uns dois metros, havia um bonito pessegueiro amarelo. Embaixo dele havia uma mesinha tosca feita de bambu e um cepo serrado que servia de banco. Cheguei e minha velha trouxe o jantar. Sentei e ela me serviu, com a criançada cantando em roda.

A uns cem metros para baixo morava um vizinho arrendeiro, que tinha 6 filhos, os quais estavam lá em casa brincando. Eu gostava de ver todos alegres. Ficamos ali sentados até alta hora da noite. Saiu uma bonita lua. Minha esposa já tinha feito umas broas de milho, chamou todos ali na mesa para tomar café com broa. Depois do café rezamos o terço. Gostei de ver as caboclinhas rezarem.

Fomos dormir. Eu na sala e as crianças no quartinho de lá. A Glorinha, com 5 anos, acordou de madrugada, gritando para a mãe abrir a janela. Maria correu e fez uns buracos na parede. Eu dormi gostoso. Estava acostumado a dormir nos ranchos com os tropeiros e boiadeiros, e naquele dia, estava com minha mulher e meus filhos.

No outro dia o Geraldo Lima veio de caminhão até o alto da serra. Depois veio a pé por um atalho e às 8 horas estava lá em casa. Veio para nos levar a missa no Rosário. Ele estava casado com Leonor Lima e morava na minha casa lá no Rosário, onde as tropas levavam as madeiras e ele de caminhão, carregava e levava para São Lourenço. Maria com as meninas e os vizinhos foram com ele à missa. Eu fui a cavalo, dando volta lá por baixo, passando pela Casa Grande.

A minha casinha, comprada de um homem pobre, mas caprichoso, tudo bem arrumadinho, um paiolzinho de pau roliço e coberto de capim, servia de quarto para os hóspedes. Até meu pai com minha madrasta gostava de dormir lá de vez em quando. O Frei Camilo da Terra Santa com seu burro de canastra, trazendo seus terços, imagens e folhetos, arranchava lá em casa. Gostava muito da vagem de feijão e da comida da minha patroa. Ele dizia:

– O Zotinho aqui não perde nada, até a casca do feijão a gente come.

A uns 5 metros para baixo do córrego tinha um mujolo que trabalhava dia e noite e era uma fartura, com milho, quase que tínhamos tudo em casa. Era gostosa a farinha do biju, a canjiquinha de monjolo, fubá mimoso, canjica, fubá para angu e o “pau-a-pique”, massa de broa assada na palha do milho, que era servido nas distalas de fumo e nos mutirões.

Mais embaixo morava o Chico Floriano, viúvo com 5 filhos. Perto de casa morava também a Sá Ritinha, casada com Benedito Luzia, pai das meninas que brincavam com as minhas. Eram arrendeiros da Carmita e agora aumentando eu na beira do córrego do lado de cá. Os meus terrenos eram do lado de lá do córrego. Para cima da minha casinha tinha um bonito guatambu, grosso e alto, onde as crianças brincavam e faziam seus altares, para coroar Nossa Senhora. Eu gostava de assistir a cantoria das meninas e muitas vezes rezava meu terço.

Para cima um pouco do guatambu tinham dois córregos: um que vinha da grotta dos pessegueiros e outro do alto do Norival nos meus terrenos. Entre os dois córregos tinha uma baixada no terreno da Carmita. Muitos pessegueiros, terra boa, onde estavam plantadas muitas miudezas. Havia batatas salsas, bonitas e boas, que nunca vi igual. Arrancava-se uma touceira e tinham de 8 a 10 chifres de boi. Era o pão dos anjos, comíamos de todo o jeito: frita, cozida, assada, como bolinho, etc. Do outro lado do córrego subia um grande capoeirão até o alto dos pessegueiros, pelo lado de cá do espigão. Tinha uma bonita grotta de pessegueiros, como nos chamávamos.

Era terra de meu pai, onde ele cultivava há muito tempo. Lá embaixo tinha uns velhos pessegueiros plantados pela minha mãe, mulher forte e trabalhadeira e gostava muito da roça. Lembro-me que, quando menino, ela ia toda 2ª feira para a roça comigo, Goica e Carmita, em um bom rancho beirachão. Lá passava a semana cozinhando pros camaradas. Voltava sábado para casa. Na ocasião das capinas das roças, papai fazia grandes mutirões com festas e bailes que era muito divertido. Todos os roceiros faziam seus mutirões. Trocavam dias: hoje pra mim, amanhã pra você, etc.

2 – TRABALHO: AGRICULTURA E GADO

Eu, na minha lida nos Pimentas, tirava uns vinte litros de leite e vendia lá embaixo no Hotelo. Tratei de fazer as plantações. Além de uma boa horta grande, plantava milho, feijão, batata e punha o povo pra trabalhar. O Chico Floriano com os três filhos e o genro trabalhavam de 2ª a sábado para mim. O Avelino Batista com 4 bois de arado trabalhava o mês inteiro, arando terra. Na capina da terra fazia os mutirões de mulheres, reunia trinta a quarenta, cantando cânticos de igreja e o serviço aparecia. De noite era o pagode no terreiro. As mulheres não queriam dinheiro, era troca de serviço. Algumas eu mandava camarada, mas elas gostavam que a Alaíde fosse pagar o dia. Alaíde arriava a “piquirinha”, montava com a enxadinha nas costas alegre e satisfeita. E sabia trabalhar.

O velho Chico Floriano nasceu no serviço, com a pratica dos seus quase 80 anos gostava de estar no meio dos filhos trabalhando, os quais eram bons camaradas. Cobram a diferença do velho que trabalhava sossegado, mas com suas mãos grossas como casca de tatu. Chico Floriano me aconselhou a plantar fumo, que o terreno era bom. Mandei ele fazer umas “leras” para baixo do retiro, para baixo do córrego, lugar esterçado e fresco. Semeou 1 quilo de semente de fumo e cobriu com palha de pinheiro. Aguava todos os dias. Em 1 mês mais ou menos, já podia ir plantando as mudinhas maiores. Os canteiros ficavam cheios de mudas. Dava para plantar e vender. Vinha gente do Rosário buscar mudas. Vendia as mudas no cargueiro.

Carmita vinha 2ª feira e ficava até sábado ajudando as meninas cuidarem das lavouras e as levava aos bailes para dançarem. O pessoal lá embaixo quando arrumavam uma brincadeira, mandavam lá em cima me convidar. Algumas vezes eu ia. O que eles faziam questão era das moças. Carmita comandava a turma. Os rapazes lá embaixo gostavam de ir lá em casa conversar com as meninas. Eu arrumava umas enxadas e punha todos trabalhando.

O meu irmão Zé Maria Negreiros tinha vindo do regimento de Três Corações, onde ele fez o Tiro de Guerra e chegou a ser sargento. Cantava muito bem e ensinou as meninas Bebê, Dorinha e Terezinha. As vezes, quando eu chegava na roça, eles estavam nas sombras das arvores cantando e eu ficava de longe apreciando.

Elas faziam uma roda e cantavam as modas do carnaval: “Ó jardineiro, por que estás tão triste, o que foi que te aconteceu. Foi a Camélia que caiu do galho, deu dois suspiros e depois morreu”.

Elas terminavam esta e cantavam outra: “Adão, meu querido Adão. Todo mundo sabe que perdeste o juízo, por causa da serpente tentadora, o nosso Mestre o expulsou do paraíso”.

E em seguida mais outra: “Pirulito que bate, bate. Pirulito que já bateu, quem gosta de mim é ela, quem gosta dela sou eu”. Eu chegava, elas corriam e pegavam nas enxadas. Eu falava:

– De tarde, lá no terreiro, nos continuamos a festa.

Por esta ocasião, eu já tinha feito uma boa casa na porta da casa velha: uma sala de fora a fora, três quartos, todos assoalhados e cobertos de telhas francesas. Eu tinha uma grande vitrola, tocava no “cambito” e dava corda. Havia muitos discos, com boas músicas: discos caipiras, “Na casa do Edson”, anedotas do Belarmino Caipira, Zé do Mato, Eduardo das Neves e outros.

Nesta ocasião já tinha casado meus cunhados e eu levava todos a Pouso Alto no carro de boi. O Teofinho era o carreiro, Algumas vezes nos íamos a cavalo e punha as pequenas no cargueiro. A Glorinha de um lado e a Zuza de outro do jacá. Minha sogra D^a Escolástica, lá no Mesquita, nos seus aniversários no dia 12 de agosto, reunia todos os filhos e netos. A minha turma era uma das primeiras que chegavam.

Lá nos Pimentas o pomar estava bonito. A criançada sempre trabalhando. O Eduardo, o menor da turma, esperto e sacudido, gostava de trabalhar no meio dos maiores. Para estimular o pessoal, eu fazia o ordenado para eles. No fim da semana ajustava as contas e descontava um pouco para pagar as enxadas, as quais eles deixavam lá em casa. Eles só trabalhavam para mim. Numa dessas semanas o Eduardo pegou a enxada. De tarde, quando iam embora, ele pôs a enxada nas costas e saiu. Eu o chamei:

– Ei, deixa a enxada aqui!

Ele falou: – Uai, eu já paguei, é minha.

Em fins de 1941 a Carmita vendeu a parte dela para o Tião Maduro por oito contos. Achava que os juros do dinheiro davam mais que o terreno. A Carmita era folgada. Hotelo morava na casa dela e ele tratava dela e dos filhos. Ela passava a semana lá em casa e a Goíca cuidava dos filhos dela.

Goica fazia uns cozidos de leite fervido e quente. Punha a farinha, o açúcar e o leite quente no prato. Eu gostava muito. Ia lá todo dia comer o meu prato de cozido.

Um dia cheguei na hora em que a criançada estava toda sentada no chão, com os pratos de mingau. Gostavam do mingau mais duro, sem muito leite. Zé Dotte era o menor deles. Ele pegou o seu prato, começou a mexer e cantar:

- Quero o meu bem duro, o meu bem duro ...

Enquanto ele estava cantando os outros chuparam o leite e ficou seco. Ele olhou e disse:

- O meu bem duro nada.

O Zé Dotte, quando era criança, a Goica não descuidava dele. Quando ficava contrariado, chorava e perdia o fôlego, ficava roxo. Goica tinha muito cuidado com ele.

3 – “DISTALAS” DE FUMO

Chegou a época das distalas de fumo. Carmita com as meninas, primeiro tiravam os baixeiros e limpavam o pomar para amadurecer as folhas. Eu mandava os camaradas fazerem os estaleiros para pendurarem o fumo. Fincavam os paus a cada dois metros, amarravam duas taquaras, uma de cada lado com distância de 10 cm e punham 3 folhas de fumo de cada lado e penduravam o fumo para enxugar. Depois de uns 4 ou 6 dias, as folhas de fumo eram colocadas em jacá e levadas para distalar.

Vinha o pessoal do alto da serra do Rosário e lá da vargem. Sentavam em roda da sala e eu punha um punhado de fumo para cada um. Eles cortavam com a unha e tiravam a metade do talo, do meio para baixo, o lado mais grosso. Punham no joelho, ponta com ponta. Vinha o ajuntador do fumo, pegava o fumo em cada colo, ajuntando tudo certinho, ponta com ponta, e levava as braçadas para o cochador fazer as cochadas. Sentava de um lado, na cabeceira da sala, O Chico Floriano. Conforme o povo, punha os cochadores, os moços menores, cochavam o “cambito”.

Ali contavam-se casos, anedotas, cantavam-se modas e tomavam café com broa. Alguns dias, amanhecia-se dançando. Lembro-me que num sábado houve uma grande distala e veio muita gente. Maria fez bastante broas. O pessoal estava chegando para a distala e ela no forno acabando de assar as broas. E eles falvam: – A broa te cheirosa!

O povo sentou para distalar o fumo. O Chico Floriano era o cochador e o Miguel Gorgulho o cambiteiro. Começaram as cantorias e depois passaram as perguntas:

- O que é que está com o bico n'água e morrendo de sede?

- É canoa.

- O que é uma caixinha de bom parecer e não há carapina que possa fazer?

- Amendoim.

- O homem não trabalha sem a mulher mijar na bunda, o que é?

- Mujolo.

- O que é uma casinha sem porta e sem janela e dentro dela moram duas donzelas, uma branca e outra amarela?

- É ovo.

- O que é que dá um pulo e vira do avesso?

- Pipoca.

O Chico Floriano disse:

- Agora é minha vez, o que é que nasce branco!....

E o Miguel Gorgulho não esperou ele terminar e respondeu:

- É urubu, Sô Chico.

E todos deram rizadas.

E nesse vai e vem, veio o café com broas e o Miguel Gorgulho foi saber das horas, era meia noite e meia. Ele nem café bebeu. Estava fazendo os 7 domingos e ia comungar no Rosário. Maria também estava fazendo e foi com ele e comungaram às 10 horas. Ela ficou com muita dó dele ter passado a noite em jejum e falou:

- Deus te ajuda Miguel.

Nunca mais esqueceu daquela noite, sempre lembrava-se nisso. O Miguel não trabalhava para mim. Era empregado do Sebastião Balbino, seu cunhado.

Nos domingos, desciam todos, iam na tia Imaculada assistir o catecismo e de tarde o futebol. Elas gostavam dos filhos do tio João do Morro: Alaíde com o Miguel Gorgulho, Bebê com o Gabriel e a Dorinha com o Rafael.

Tia Imaculada gostava muito delas, mas dizia que eram muito parentes para o casamento. Elas com seus gênios alegres faziam amizade com qualquer um. Eu dava risada lá no meu quarto escutando os comentários. Alaíde contava que os dois irmãos do compadre Manoel de Paula gostavam dela. Tocavam sanfona nos bailes. Quando um tocava ela dançava com o outro, que dizia:

- Você pode tapiar o outro, mas eu você não tapeia não.

A Bebê, um dia chegou lá de baixo cansadinha e falou para a mãe:

- O Joaquim Correia vem aí! Chegou a cavalo em um bestão bem arriado.

Era um moço bonito, rico, mas um caboclinho refinado. As meninas o receberam na porta. Ele deu um presente para a Bebê. Uma caixa de pó de arroz, e falou:

- Oia o preço Bebê, 700 reis.

E a moçada apelidou ele de "Joaquim da Bebê".

O Rafael carriava junto com o Teofinho e Joaquim Egidio, cada um com seu carro de boi. Na entrada do Rosário tinha um tope forte na rua da igreja. Rafael ficava com vergonha das moças e punha a vara dentro do carro. Os outros carreiros ajudavam a subir o tope. Eu contei para as meninas que ele escondia a vara dentro do carro. Elas, quando ouviam a cantiga do carro, cada uma arranjava uma vara e corriam para lá:

- Vamos ajudar o Rafael a tocar os bois.

4 – NASCIMENTO DO CAÇULA JOSÉ ARIMATHÉIA NEGREIROS

No ano de 1.938, nasceu o meu caçula José de Arimathéia.

Sábado, à noite, a Carmita combinou com as meninas para irem de madrugada assistirem o catecismo da tia Imaculada e o futebol de tarde. Eu falei para a Maria para ela não ir, pois ela estava esperando, já de 9 meses. A Maria foi sempre obediente. De madrugada ela levantou para ajudar arrumar o pessoal. Eu estava deitado, ela foi lá e me falou: – Deixa eu ir também, dizem que é bom a gente andar. Eu falei: – Então vai.

E foram todos. Na volta a Carmita foi para baixo com as meninas. Maria com a Sá Ritinha vieram para casa. Às 9 horas já estavam em casa. Fez um almoço para nós, arrumou um chá, bebeu e foi para a cama.

Eu pensei que era cansaço de viagem, quando ela me chamou. Eu cheguei no quarto e o rapazinho já tinha nascido e choramingou. Eu limpei a boquinha dele, olhei e falei: – É homem o diabinho.

E Maria disse: – Ah, Zotinho, não fala assim não!

Chamei a Sá Ritinha para vir cuidar dela. Mais tarde chegou a tia Imaculada e a Goica, trazendo frangos na mão, a Goica trouxe dois: um dela e outro da Carmita. Maria era muito estimada por todos. No outro dia era visita de todos os lados: do alto da serra, da canela da vargem, algumas de longe e do Rosário.

Providenciei o batizado. Convidei o padrinho: José Gorgulho. No domingo seguinte minha esposa já estava de pé e preparou um jantar para os padrinhos e convidados. Nós levamos o menino no Rosário. Batizou e às 2 horas da tarde mais ou menos jantamos e bebemos o vinho. O chá dançante foi lá na casa da tia Imaculada.

Quando era pequeno, as meninas brincavam de coroação, com o Arimathéia, embaixo do guatambu. Quando as meninas saíam para o terreiro, ele queria ir com elas no guatambu. A primeira palavra que ele falou foi: – “Vo no bu”.

Quando ele começou a engatinhar, descia a porta da cozinha e ia no córrego de aguar a horta. Lá, ele sentava, deitava na areias e gritava:– Hoi, hoi, hoi!

Alaíde corria, trazia ele e o punha na bacia de água morna. Ele gostava, e quando tirava ele ficava bravo. Alaíde o embrulhava, punha-o na cama e ele dormia.

As crianças estendiam um cobertor, punham o Arimathéia no meio e ele ia rolando e esperneando até ficar pelado. Quando cantava um passarinho, ele parava e ficava escutando.

As meninas saíam na beira da estrada para enfeitar a menor das crianças, a qual vinha na frente, cheia de flores e mato, e as outras vinham cantando atrás. Arimathéia gostava de ouvir as crianças cantando.

5 – CAPELA DOS PINTOS

No mês de maio o papai pediu licença ao bispo para liberar o padre fazer o mês de Maria na Casa Grande. Veio o padre Mariano, o qual ficou lá o mês inteiro. Tinha missa, prática e reza todos os dias. Maria era a maestra da cantoria. Ela com as meninas, Tia Imaculada, Tio João e papai faziam uma boa orquestra. O padre Mariano era um santo missionário. O povo lá do mato muito lucrou com seus sermões.

Tia Imaculada deu um patrimônio de um alqueire para fazer a capela dos Pintos. Fizeram um bom barracão, onde ficaram os operários para fazerem a igreja. Celebravam missa uma vez por mês. O cônego José Augusto de Cristina fazia festas e leilões em benefícios da igreja. Tia Imaculada era uma mulher de fé e de coragem, enfrentava os ricos fazendeiros e ganhava vacas, porcos, etc. Chamava o povo para a igreja e todos faziam os 7 domingos de São José. Fazia teatros com seus filhos, sobrinhos e minhas filhas também.



Ecimoc/85: Tio Zé Augusto, Irmã Ângela, Dª Bebê e Padre Fernando. Ao fundo a Igreja dos Pintos

6 – TEATRO: “O CEGO E A LEPROSA”

Num desses teatros, O Zé Maria e o papai organizaram um drama que se tornou muito famoso. O meu pai, Sebastião, gostou muito do drama: “O cego e a leprosa”, em três atos.

Eram 10 personagens, os quais são:

Betu: José Maria Negreiros, Abigail: Dorinha, Faristeu Jonatã: José Augusto, Cristo: Sebastião Capistrano de Negreiros, Lásaro: João Negreiros, Maria Madalena: Bebê, Marta: Alaíde, Rute (vendedora de pombos): Terezinha, Célio (admirador de Madalena): José Maria Negreiros, Nicodemos: José Bartolomeu, Fariseu Gamalier: Sebastião Capistrano de Negreiros.

Betu, no adro da igreja: – Uma esmola, pelo amor de Deus, para um cego que não pode ver a luz do dia.

Jonatã joga a carteira e diz: – Toma e emudece ! ... Para de berrar por aqui, não vês que perturbas os transeuntes do templo.

Betu, apalpando, pegou a carteira:

– É generoso, mas é mau. São sempre assim os fariseus. Este uma vez até bateu-me.

Abgail: – Uma esmola pelo amor de Deus, para uma leprosa.

Betu: – Nós somos companheiros do infortúnio, mas você pode ver a luz do dia e eu estou na escuridão.

Abgail: – Eu te guiarei, seremos companheiros. Iremos um dia até Jesus para nos curar.

Abgail deixa Betu sozinho e vai procurar Jesus e fica por lá bastante tempo. Betu sente a falta dela e fica maldizendo sozinho no adro da igreja, quando passa Rute, vendendo seus pombos e conta a ele que Abgail encontrou Jesus e ficou curada. Ele mais se entristeceu por pensar que ela curada não vinha mais ver o pobre cego. Mas ela veio e disse:

– Estou curada e você também vai ser curado, eu te levarei até Jesus.

Abgail chega perto de Betu e pede que ele passe as mãos no rosto dela e ele a acha bonita. Ela percorre com ele a Palestina, procurando por Jesus. Passam por Betânia, Jericó, etc., até que encontram Jesus e Betu fica enxergando. Eles terminam casando.

Maria Madalena: – Marta, minha irmã, vou narrar-te as sensações que experimentei quando vi Jesus pela primeira vez. Avistei na barca Jesus e os dozes pescadores. Ergui-me do meu “triclinio”, deixei os que me cercavam e precipitei-me pela escadaria abaixo. O timoneiro pôs-se a falar. Nunca ouvi doutrina igual. Caiam suas palavras na minha alma como gotas de orvalho na relva ressequida pela ardência de sol estival. O que mais me encantou foi a fisionomia do seu olhar, tão lânguido e tão doce. Marta, minha irmã, esconda-me do mundo. Só desejo ver Jesus, fazer penitencias e chorar as minhas faltas da vida passada.

Marta: – Tranqüiliza-te Maria, o nosso Divino Mestre que está percorrendo esta terra, não há de permitir que de novo te percas.

Lásaro: – Seja bem vindo a esta casa ilustre irmão Nicodemos.

Nicodemos: – Quero saber de fato Lásaro, se você foi resuscitado.

Lásaro: – Eu de nada sei. Minhas irmãs Marta e Maria te contarão tudo que se passou.

Célio (Imperador de Roma): – Madalena, Madalena querida, onde estás que não me ouves? Outroras, aos meus primeiros anseios, atiravas-me rosas. Agora permaneces muda. Eu te recebo em casamento madalena.

Madalena: – Que me queres, insensato! ... Madalena morreu, morreu para o mundo. Só vive para Jesus. Ele está percorrendo esta terra. Vai procurá-lo e purifica-te. Vai-te Célio.

Célio: – Amas Jesus de Nazaré, insensata, ingrata! Mata-lo-ei.

O drama, em três atos, era grande e formidável. Maria, minha esposa, fez o vestuário adequado para cada um dos personagens.

Os personagens decoraram e treinaram os seus papéis. Representaram o drama umas duas ou três vezes lá no barracão da tia Imaculada e umas duas vezes no Rosário. O povo gostava muito e pedia bis.

Luiz, meu sobrinho, gostou muito do drama. Chegando em Pouso Alto falou com o Zeca Paiva, o qual já estava viúvo do 2º casamento. Ele pediu para convidar o meu pai para levar o drama lá no Grupo Escolar de Pouso Alto, que tinha uma sala grande e apropriada para teatros. E foram. Além dos personagens foram a minha esposa Maria e a Carmita. Eu fui com as crianças.

O Zeca Paiva era um homem bonito, muito educado e estimado em Pouso Alto. Era alegre, marcante das quadrilhas, quando ficou viúvo pela primeira vez. Namorava as moças do Mesquita. Todas as moças gostavam dele, ele era querido. Teve dois filhos da primeira esposa, e nove da segunda. Agora, viúvo pela segunda vez, mora com a filha Geni, casada com Eduardo Sales Paiva, seu empregado na farmácia. Os outros filhos menores estavam com a tia Zezé Vilela.

A minha esposa brincou com a Carmita, a qual já estava viúva:

– Vamos Carmita, quem sabe vai ajeitar o Sr. Paiva.

Foram e levaram o drama. O Sr. Paiva serviu de ponto a primeira noite. O povo gostou muito e pediram bis. Na segunda vez o Sr. Paiva disse:

– Não precisam de ponto, estão bem preparados, vou assistir da platéia.

A Bebé era Madalena, muito apreciada por todos, com seu gênio alegre, expansiva e bonita, com seus 18 anos. Namorou o Luiz Círio Nogueira, seu primo. Mas prosou muito com o Sr. Paiva, querendo ajeitá-lo para a Carmita. Ele falou:

- Amanhã, antes de vocês saírem, eu vou lá no Mesquita, pagar a sua visita. E foi. Almoçou lá com a D^a Escolástica, minha sogra, ele queria muito bem a ela. Arrumaram os animais e na saída, na despedida, o Sr. Paiva falou com a bebé:
- Eu vou lá na sua casa fazer uma visita a seu pai. Nós somos velhos amigos.

Chegaram lá nos Pimentas e me contaram tudo. A Bebé me contou da visita do Sr. Paiva. Eu pensei: - Neste mato tem coelho!... Ela falou também no namoro com o Luiz Círio, moço bom, trabalhador e honesto, filho do Zeca Círio. Foi criado junto com os filhos do tio Paulino e D^a Escolástica. Regulava a idade com a Bebé. Era um moço católico e muito estimado em Pouso Alto. Ela passeou com ele por lá visitando os parentes. Ele foi embora e não falou em casamento.

7 – CASAMENTO DA MINHA FILHA MARIA IZABEL (BEBÉ)

Passado uns dias chegou na Casa Grande o Zeca Paiva. No outro dia cedo as meninas desceram lá na casa do papai para estarem com ele. Ele falou com a Bebé:

- Amanhã vou lá na sua casa fazer uma visita para seu pai.

E veio. Recebi-o na sala. Ele entrou, sentou-se e já foi falando em casamento:

- Você já deve saber que eu gosto da Bebé, quero casar com ela para te ajudar acabar de criá-la e para ela ser minha companheira até o fim da vida.

Fiquei todo atrapalhado. Nesta hora chegou a minha esposa. Eu saí e deixei-os conversando. Cheguei na cozinha e lá estava a Bebé espantadinha, escutando na porta a conversa dele, e me falou:

- Se o Sr. quiser eu quero salvar a alma dele.

O Sr. Paiva, como já disse, muito bom homem, mas católico, só de missa aos domingos.

Passearam por lá uns dois ou três dias. Eu nada disse, mas achei um absurdo a diferença de idade: ele com quase 60 e ela com 19 anos. Minha esposa espantou também, mas queria muito bem o Sr. Paiva e falou com a Bebé:

- Vamos rezar minha filha.

Papai, também parente e amigo do Sr. Paiva, falou com ele:

- A diferença de idade é muito desigual.

Mas ele respondeu:

- Há quase 10 anos que estou viúvo, queria ficar “bilontra”, mas não está no meu gênio. Meus filhos já estão grandes, alguns já casaram e os outros dois, tia Zezé toma conta deles. Eu gosto muito da Bebé e sei que é uma boa menina e de boa família. Quero casar com ela e quer logo o casamento. Não precisa enxoval. Tenho a casa pronta. Quero a menina.

Pouso Alto, 6. de Julio de 1947

Illmo. Snr.

Saudosa a noivinha Bebê

Sua em companhia dos teus continues
com saude e' o que desejo. Nos' fize-
mos bõa viagem aqui chegando ás 8.10
Será que ficaste com saudades de mim?
Pois eu, confesso, ja' estou bastante saudoso
e achando as 3 semanas que faltam para
Tornar a ver-te bastante longe.
Escreva-me logo, para assim poder mitigar
as saudades. Não esqueças de muito
me recomendar aos teus dignos Pais, Sebas-
tião, Vovo Ita, Goica, Otelo, Carmita, Gabriel,
Antônio Gorgulho, Sebastião Balbino, etc etc, en-
fim a todos. Peça a Maria Rita que
continue a te vigiar para que não
fiques muito tempo atrás da porta. Sim?
Adens Um affectuoso abraço do noivo
que te quer muito

J. Paiva

Carta do Sr. Paiva para a noiva Bebê

Ele trouxe a Belinha e a Zorilda filha do Ladislau, seu irmão, para ajudarem no casamento. Eu fiquei de dar-lhe a resposta lá em Pouso Alto. Ele foi embora e ficaram os comentários. Uns diziam:

- Ele precisa adotar a Bebê, porque tem mais de 60 anos. Não pode casar no Civil.

A Bebê sempre firme:

- Se o Sr. Paiva quiser eu caso com ele.

Fui com a Maria e todos os filhos lá no Mesquita na casa da D^a Escolástica, minha sogra, a qual já sabia de tudo que se passou, porque a Belinha contou a ela. Ela nos recebeu muito alegre e satisfeita do Zeca de Paiva ser seu neto, o qual ela queria muito bem.

Mandei chamá-lo e ele veio com a Belinha, Zorilda e Maria Geni, sua filha casada, com quem ele morava. Trouxe seu registro de idade: 59 anos e uns meses. Ele disse:

– Quero logo o casamento e não quero festa.

Minha esposa disse:

– Estamos na véspera do aniversário da mamãe, que é dia 12 de agosto. Numa cajadada só, mata-se dois coelhos: o aniversário da D^a Escolástica e o casamento do Sr. Paiva com a Bebê.

Todos acharam muito bom. Chamei o Joaquim Lúcio e falei com ele:

– Vamos fazer a festa.

Ele me disse:

– Pode ficar sossegado que eu farei tudo.



Casamento Zeca Paiva e D^a Bebê

1^a Fila: Terezinha Negreiros, José Bartolomeu, Maurício, José Augusto, Paulo Paiva, João C. Negreiros, Dorinha, Chiquinho Furriel, Alaíde, Joaquim Ribeiro (Quiqui), Elza, Mariinha (Bibi), Moacir Ribeiro.

2^a Fila: Paulo (filho do Joaquim), Marta (filha do Gabriel), Terezinha Espeschit, Guiomar Brito, Maria Benedita, Maria Geralda, Vicente Paiva, Tigró, Terezinha, filha do Sr. Lulu, Candinha, Gláucia, Rute Speschit, Bebê, Zeca Paiva, Izabel Maria Gondim, Marica Paiva, Nenê Toledo e Arildo, Geraldo.



Na véspera eu fui com a família. Levei frangos, leitoa e peru. Papai chegou no outro dia com o padre Zequinha, nosso vigário, que ia fazer o casamento. Joaquim Lúcio disse-me: – Tem duas caixas de cerveja que o Durval perdeu para o Sr. Paiva, um bom garrote, presente do Juca Vilela e muitas leitoas e frangos dos amigos do Sr. Paiva.

Papai com o padre Zequinha chegaram ao meio dia mais ou menos, com os noivos. A igreja encheu de gente. Terminado o casamento fomos todos para o Mesquita. Os noivos à frente e o povo acompanhando lá por dentro, pelo atalho. Encheu o terreiro e a casa de gente, muita gente. Uma grande mesa no meio perto da janela da cozinha. Os noivos sentaram-se na cabeceira da grande mesa. Fez-se o casamento civil.

Após a cerimônia do casamento, foi servido o jantar. As cozinheiras entregavam os pratos na janela e os serventes punham na mesa. Teve discursos dos tios e até a Dorinha fez um discurso para os recém-casados. Teve terceira e quarta mesas, que serviram com muita fartura. Terminada o jantar, quase de noite, fomos todos para a cidade dançar no Grupo de Pouso Alto.

Papai marcou a quadrilha. Eduardo da farmácia deu chocolate, à vontade, para o povo todo, na rua, perto do bar do Benedito Vital. No outro dia, os recém casados foram para São Paulo, onde foram passar a lua de mel. Cada um de nos pegou o tope para casa.

Estavam casados Sr. Paiva com a D^a Bebé.

Pharmacia S. José

A. J. Negreiros Netto

PRODUCTOS QUÍMICOS NACIONALES
E ESTRANGEIROS

LUMINARIAS

Estação Paulo Freitas — R. M. V.

Luminarias, 12 de Agosto de 1941

Ilmo. Sr.

Pap. e Typ. Padua - Lavras - Minas

Querida sobrinha Bebê,
Que Deus e Ss. Virgem te derramem toda sorte de bens e graças são os votos que faço enviando-te os meus parabéns extensivos ao boninho e caro coléga e primo Sr. José de Paiva. Aproveito também a oportunidade para enviar por teu intermédio um abraço ao Sr. Fôtiinho e Maria; pois, o meu verdadeiro desejo era está ali pessoalmente para abraçar a todos os meus entes queridos, mas como sabemos estão aqui num canto que nem tudo sabe em a gente quer. Seja feita a vontade de Deus. Mas, mesmo aqui compartilho de teu rigoroso, fazendo votos ao Altíssimo pela tua felicidade de teu difuso esposo e de teus boninhos pais.

Cláudia e Paulo enviam-te também os meus sinceros votos de um lar feliz.

Os teus priminhos também empimentam enviando os parabéns.

Abraços de teu

Niquinho.

Carta do Tio Niquinho para a sobrinha Bebê.

Cheguei nos Pimentas e pus o pessoal no trabalho, preparando a terra para as plantações de milho, feijão, batata e fumo. Já tinha aumentado o leite e tinha umas oito vacas com cria.

Passado um mês do casamento da Bebê eu fui com as meninas fazer uma visita ao Sr. Paiva e Bebê. Fomos a cavalo.

Dorinha e Terezinha em um cavalo e Alaíde com Dorinha no outro. Fiquei lá dois dias. Bebé estava satisfeita e o Sr. Paiva todo contente. Deixei as duas pequenas lá e voltei com Alaíde e Dorinha.

Chegando lá em casa minha patroa me contou que o Tião Maduro esteve aqui com a sua esposa e disse que a Carmita queria que eu entregasse o gado dela para o Hotelo. Eu tinha duas vacas paridas que davam leite para nos todos. No outro dia ajuntei o gado da Carmita e levei para o Hotelo. Arrendei os pastos para ele e empreguei a Alaíde para tirar o leite para ele. Hotelo sabia trabalhar e fazia bons queijos com o leite e tratava dos porcos com o soro, mas tirar o leite ele não sabia.

Eu tinha uma vendinha que supria os meus camaradas serradores: uma 15 ou 20 famílias que moravam no mato, nos ranchos de taboas, serrando madeiras, que eu levava para São Lourenço. Nessa ocasião o papai arrendou a Casa Grande para o Antonio Bruno, seu sobrinho, moço rico, ambicioso e ciumento. Morava no Rosário. Tinha um sitio e uma fábrica de queijo. Comprou todo o gado e pagou a dinheiro. Papai ficou sem a fazenda e sem renda. Para pagar o resto das dívidas, papai vendeu cem alqueires de terra por trinta contos. Nós fazíamos nossas reuniões lá na Goica e Hotelo e no tio João do Morro e tia Imaculada.

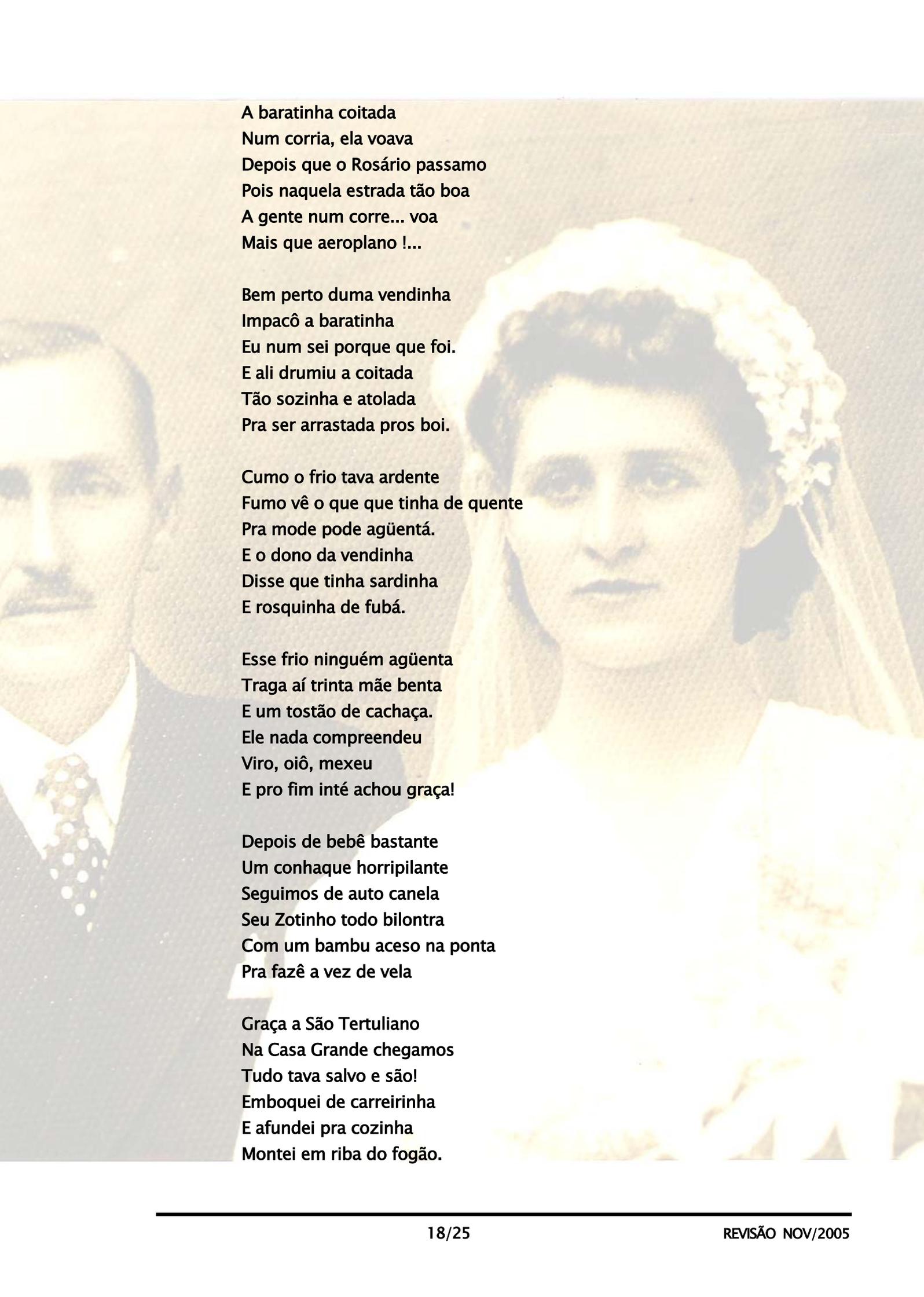
Voltei a Pouso Alto para buscar as meninas e visitar a Bebé. Encontrei o Sr. Paiva fazendo casa nos Florentinos, no terreno dele e dos filhos: uns quinze alqueires de terra de sua segunda esposa. Tinha vendido a farmácia para seu genro Eduardo Salles. Ele dava o nome à farmácia e trabalhava como empregado. Achei a Bebé triste porque ela não queria que ele vendesse a farmácia e não queria ir morar nos Florentinos. Sr. Paiva era homem resoluto e autoritário. Dizia que não tinha ciúmes da Bebé, mas não gostava do gênio dela: alegre com todos e passeadeira. Bebé comungava todos os dias. Levantava cedo, coava café e quando tocava o sino, ela ia para a igreja. Ele dizia:

- A mulher é uma "furrucoca", está "furrococando" pela rua.

8 – POESIA DE DARCI MIRANDA CONTANDO SUA VISITA AOS PINTOS

SAUDADE

Recordo com saudade
Daquela linda viagem
Que fizemos lá nos Pintos
Todo trecho da estrada
Parecia cimentada
Ai, que saudade que sinto!



A baratinha coitada
Num corria, ela voava
Depois que o Rosário passamo
Pois naquela estrada tão boa
A gente num corre... voa
Mais que aeroplano !...

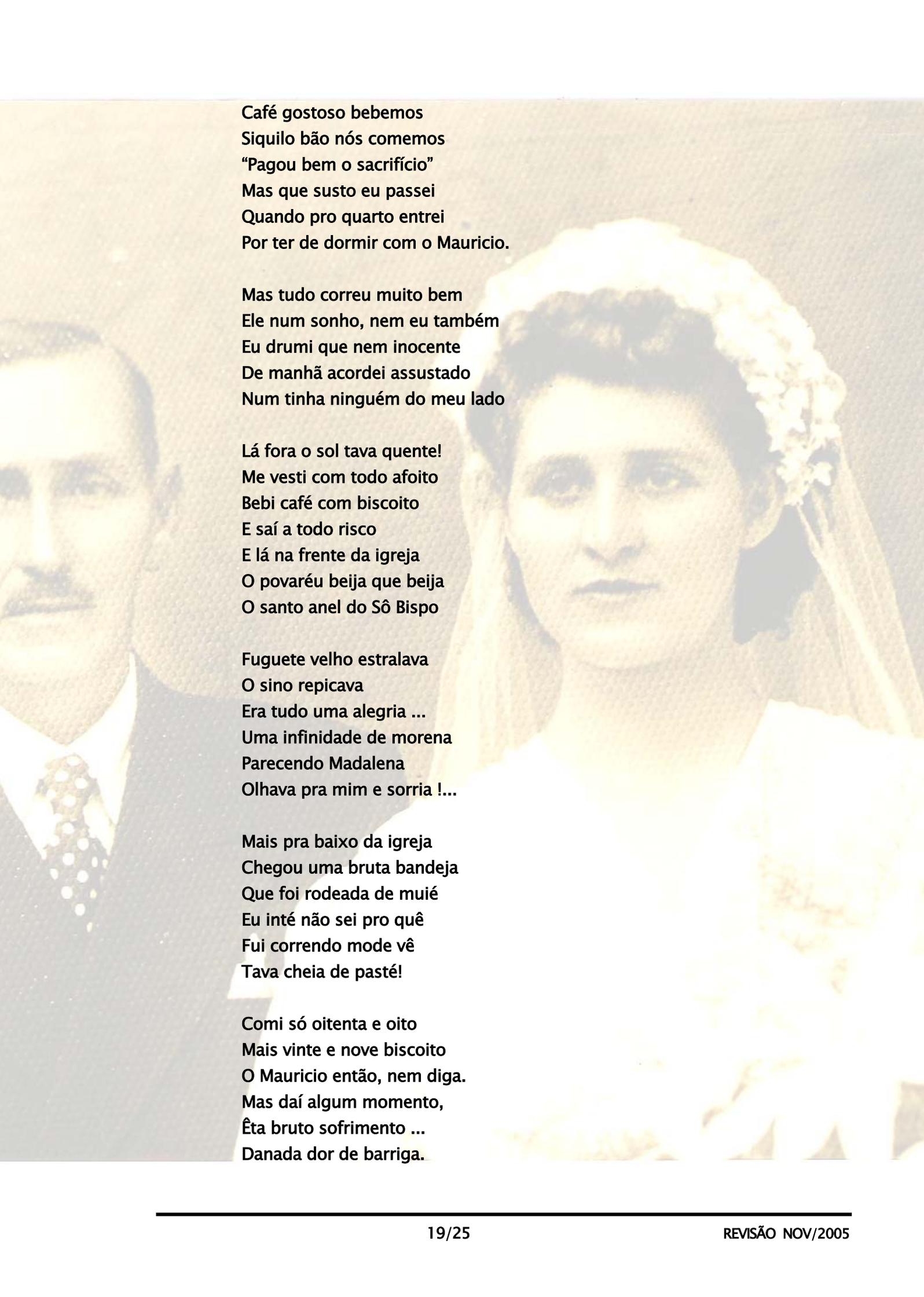
Bem perto duma vendinha
Impacô a baratinha
Eu num sei porque que foi.
E ali drumiu a coitada
Tão sozinha e atolada
Pra ser arrastada pros boi.

Cumo o frio tava ardente
Fumo vê o que que tinha de quente
Pra mode pode agüentá.
E o dono da vendinha
Disse que tinha sardinha
E rosquinha de fubá.

Esse frio ninguém agüenta
Traga aí trinta mãe benta
E um tostão de cachaça.
Ele nada compreendeu
Viro, oiô, mexeu
E pro fim inté achou graça!

Depois de bebê bastante
Um conhaque horripilante
Seguimos de auto canela
Seu Zotinho todo bilontra
Com um bambu aceso na ponta
Pra fazê a vez de vela

Graça a São Tertuliano
Na Casa Grande chegamos
Tudo tava salvo e são!
Emboquei de carreirinha
E afundei pra cozinha
Montei em riba do fogão.



Café gostoso bebemos
Siquilo bão nós comemos
"Pagou bem o sacrifício"
Mas que susto eu passei
Quando pro quarto entrei
Por ter de dormir com o Mauricio.

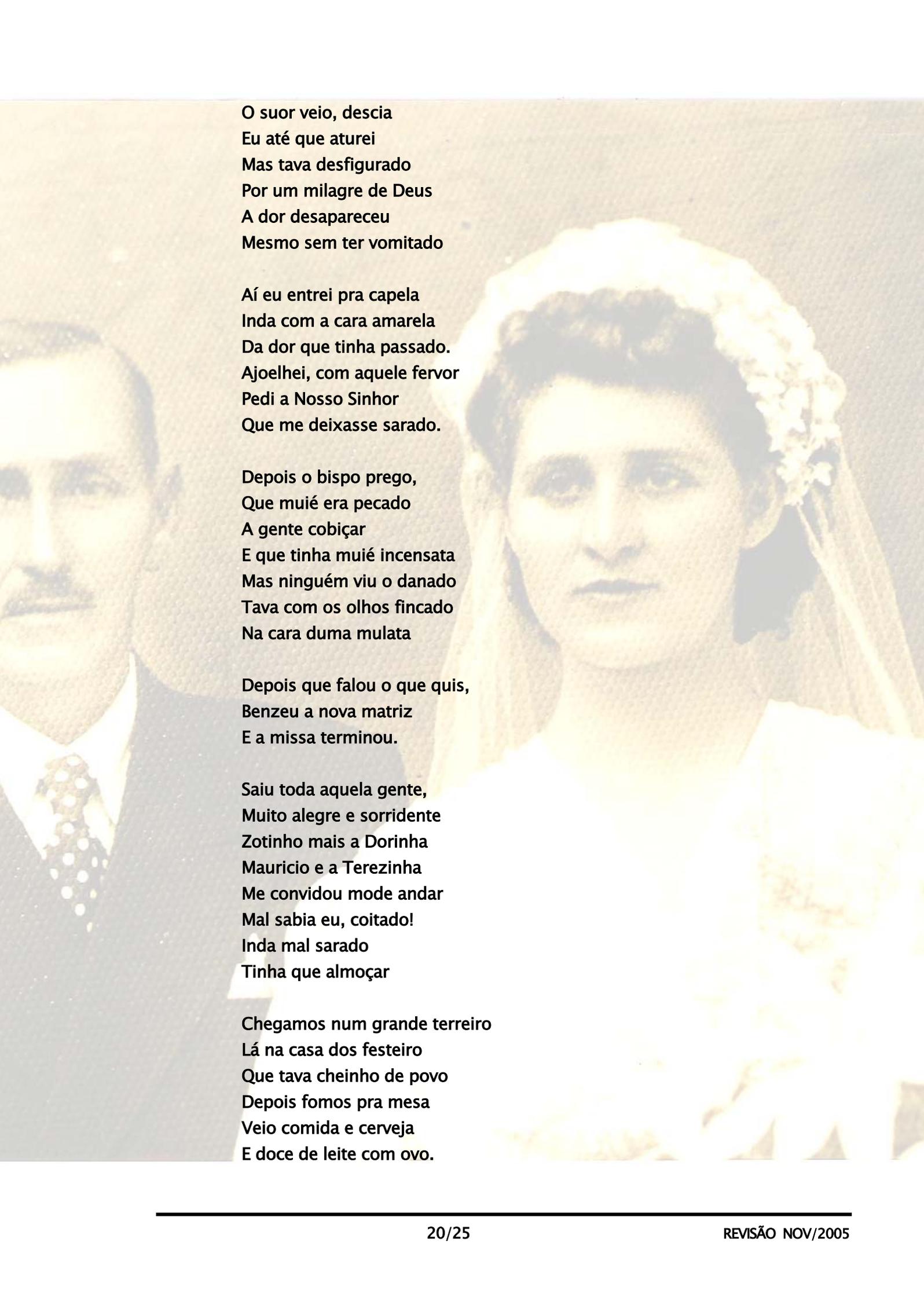
Mas tudo correu muito bem
Ele num sonho, nem eu também
Eu drumi que nem inocente
De manhã acordei assustado
Num tinha ninguém do meu lado

Lá fora o sol tava quente!
Me vesti com todo afoito
Bebi café com biscoito
E saí a todo risco
E lá na frente da igreja
O povaréu beija que beija
O santo anel do Sô Bispo

Fugete velho estralava
O sino repicava
Era tudo uma alegria ...
Uma infinidade de morena
Parecendo Madalena
Olhava pra mim e sorria !...

Mais pra baixo da igreja
Chegou uma bruta bandeja
Que foi rodeada de muié
Eu inté não sei pro quê
Fui correndo mode vê
Tava cheia de pasté!

Comi só oitenta e oito
Mais vinte e nove biscoito
O Mauricio então, nem diga.
Mas daí algum momento,
Êta bruto sofrimento ...
Danada dor de barriga.



O suor veio, descia
Eu até que aturei
Mas tava desfigurado
Por um milagre de Deus
A dor desapareceu
Mesmo sem ter vomitado

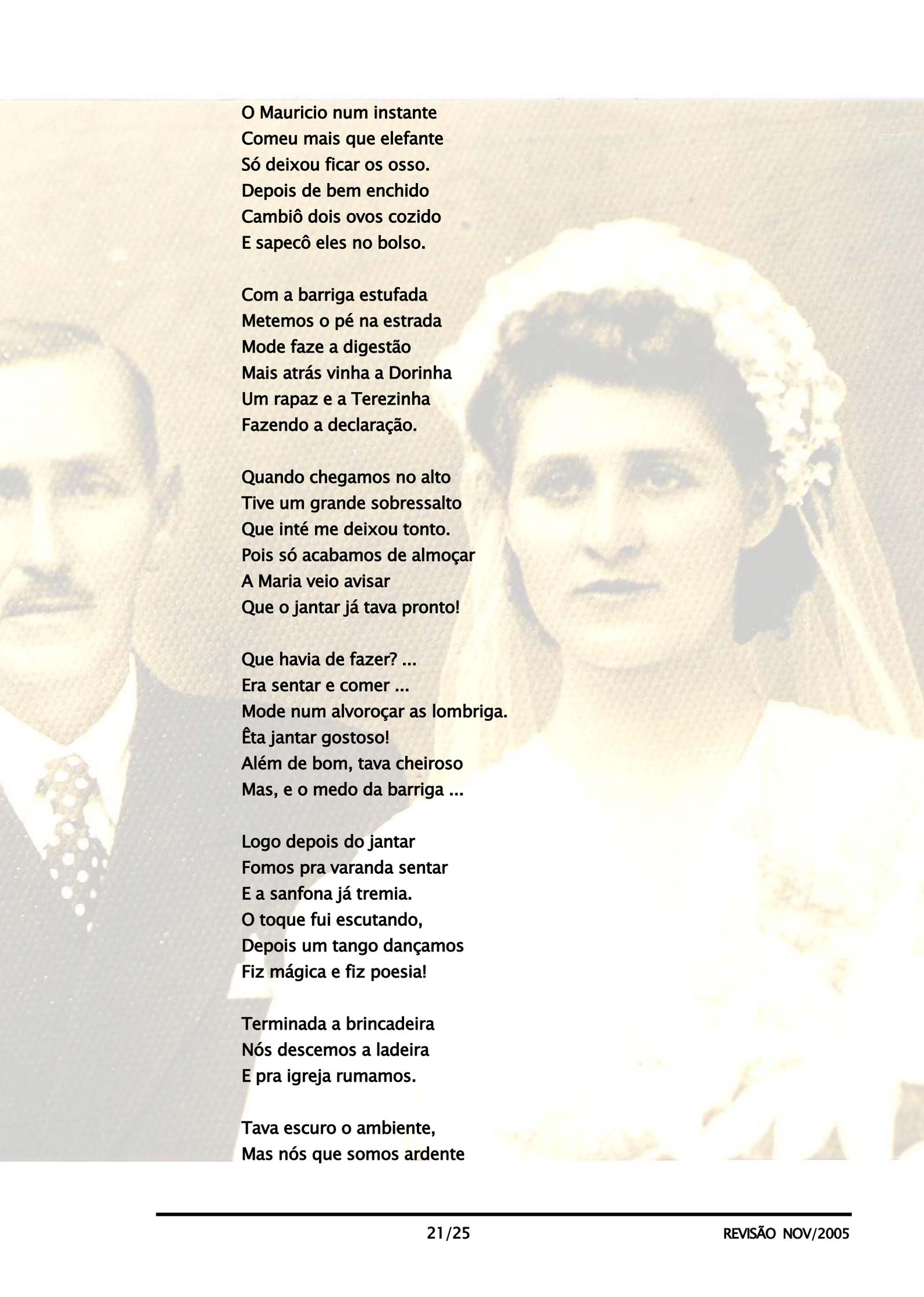
Aí eu entrei pra capela
Inda com a cara amarela
Da dor que tinha passado.
Ajoelhei, com aquele fervor
Pedi a Nosso Senhor
Que me deixasse sarado.

Depois o bispo prego,
Que muié era pecado
A gente cobiçar
E que tinha muié incensata
Mas ninguém viu o danado
Tava com os olhos fincado
Na cara duma mulata

Depois que falou o que quis,
Benzeu a nova matriz
E a missa terminou.

Saiu toda aquela gente,
Muito alegre e sorridente
Zotinho mais a Dorinha
Mauricio e a Terezinha
Me convidou mode andar
Mal sabia eu, coitado!
Inda mal sarado
Tinha que almoçar

Chegamos num grande terreiro
Lá na casa dos festeiro
Que tava cheinho de povo
Depois fomos pra mesa
Veio comida e cerveja
E doce de leite com ovo.



O Mauricio num instante
Comeu mais que elefante
Só deixou ficar os osso.
Depois de bem enchido
Cambiô dois ovos cozido
E sapecô eles no bolso.

Com a barriga estufada
Metemos o pé na estrada
Mode faze a digestão
Mais atrás vinha a Dorinha
Um rapaz e a Terezinha
Fazendo a declaração.

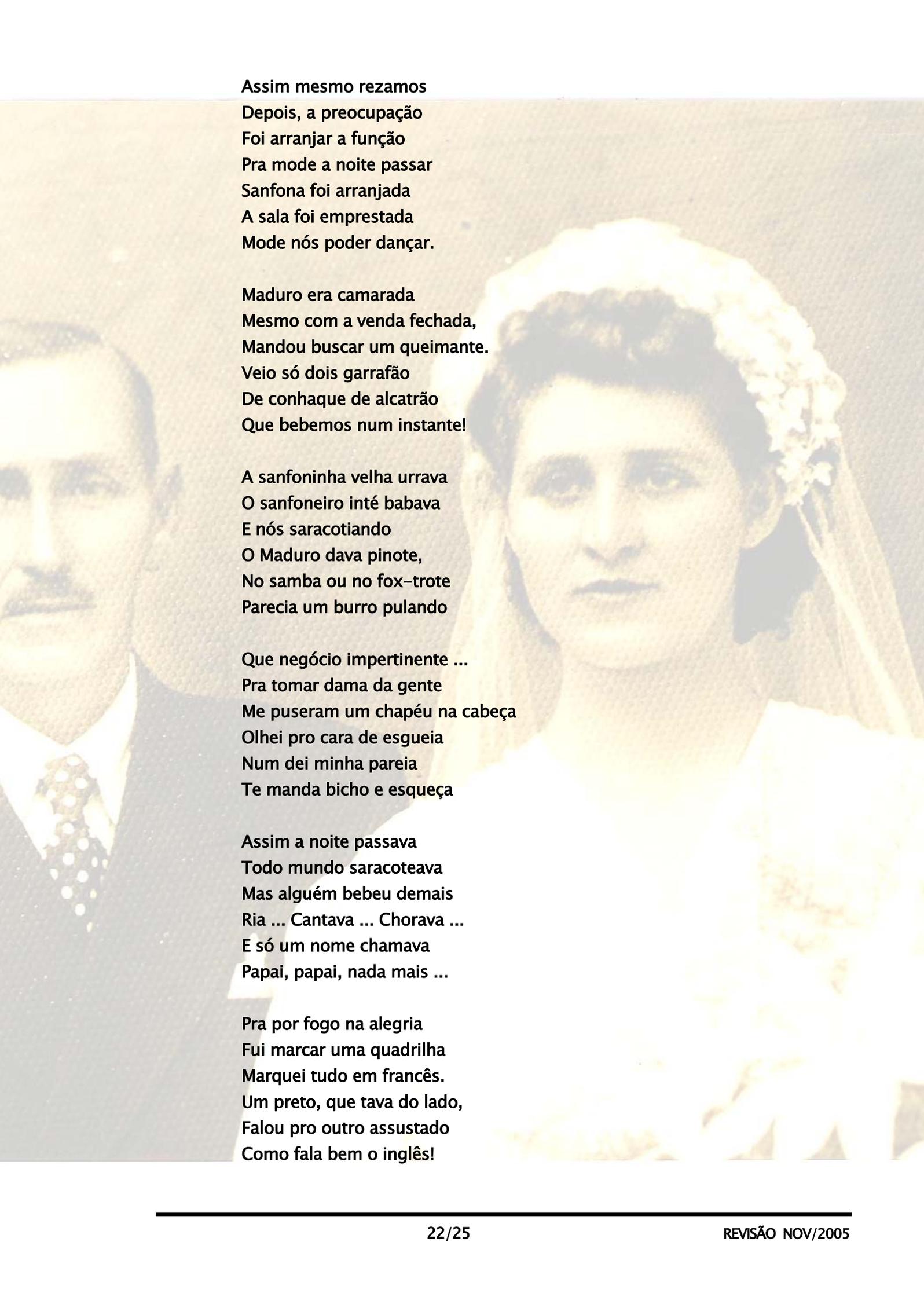
Quando chegamos no alto
Tive um grande sobressalto
Que inté me deixou tonto.
Pois só acabamos de almoçar
A Maria veio avisar
Que o jantar já tava pronto!

Que havia de fazer? ...
Era sentar e comer ...
Mode num alvoroçar as lombriga.
Êta jantar gostoso!
Além de bom, tava cheiroso
Mas, e o medo da barriga ...

Logo depois do jantar
Fomos pra varanda sentar
E a sanfona já tremia.
O toque fui escutando,
Depois um tango dançamos
Fiz mágica e fiz poesia!

Terminada a brincadeira
Nós descemos a ladeira
E pra igreja rumamos.

Tava escuro o ambiente,
Mas nós que somos ardente



Assim mesmo rezamos
Depois, a preocupação
Foi arranjar a função
Pra mode a noite passar
Sanfona foi arranjada
A sala foi emprestada
Mode nós poder dançar.

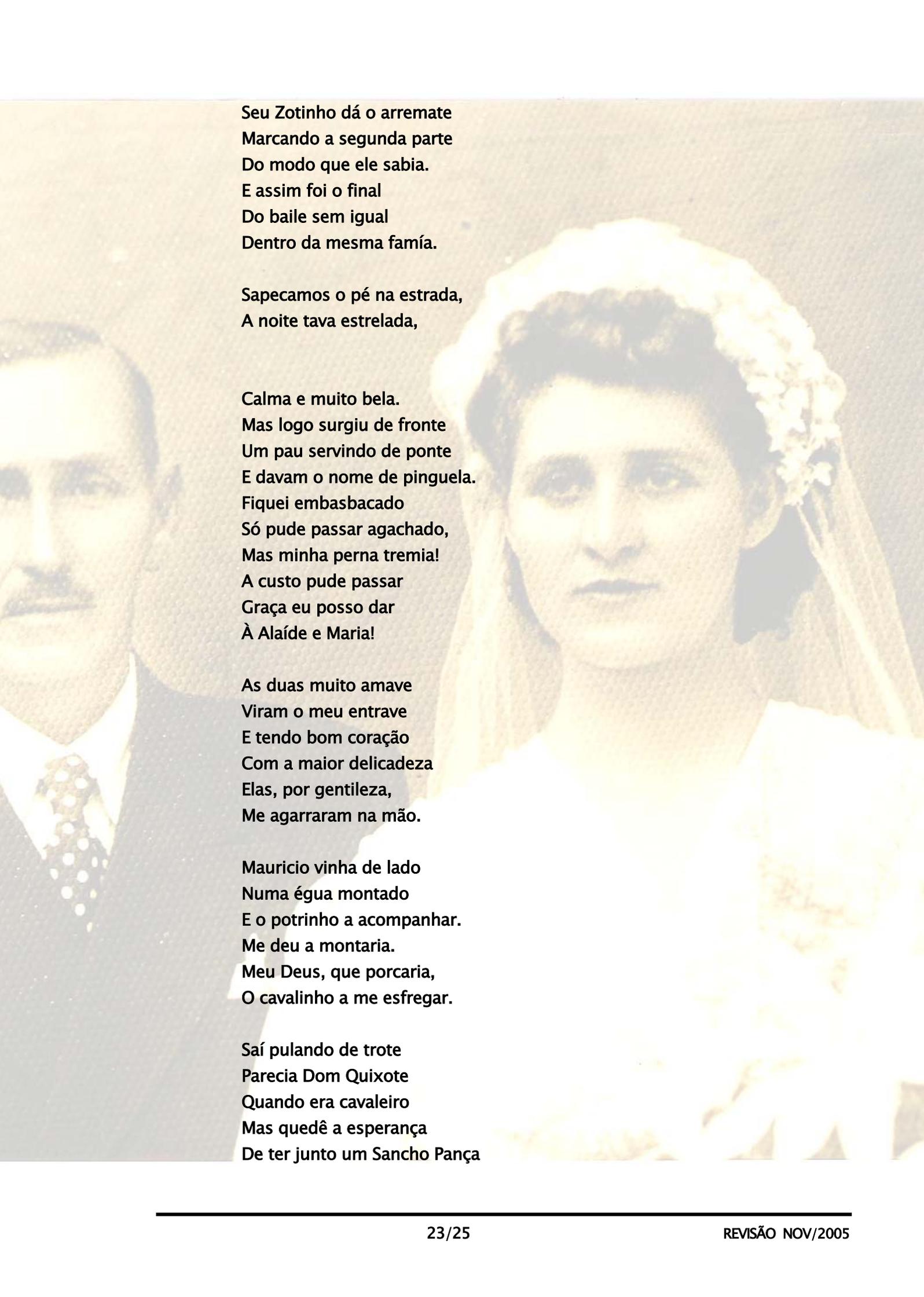
Maduro era camarada
Mesmo com a venda fechada,
Mandou buscar um queimante.
Veio só dois garrafão
De conhaque de alcatrão
Que bebemos num instante!

A sanfoninha velha urrava
O sanfoneiro inté babava
E nós saracotiando
O Maduro dava pinote,
No samba ou no fox-trote
Parecia um burro pulando

Que negócio impertinente ...
Pra tomar dama da gente
Me puseram um chapéu na cabeça
Olhei pro cara de esgueia
Num dei minha pareia
Te manda bicho e esqueça

Assim a noite passava
Todo mundo saracoteava
Mas alguém bebeu demais
Ria ... Cantava ... Chorava ...
E só um nome chamava
Papai, papai, nada mais ...

Pra por fogo na alegria
Fui marcar uma quadrilha
Marquei tudo em francês.
Um preto, que tava do lado,
Falou pro outro assustado
Como fala bem o inglês!



Seu Zotinho dá o arremate
Marcando a segunda parte
Do modo que ele sabia.
E assim foi o final
Do baile sem igual
Dentro da mesma família.

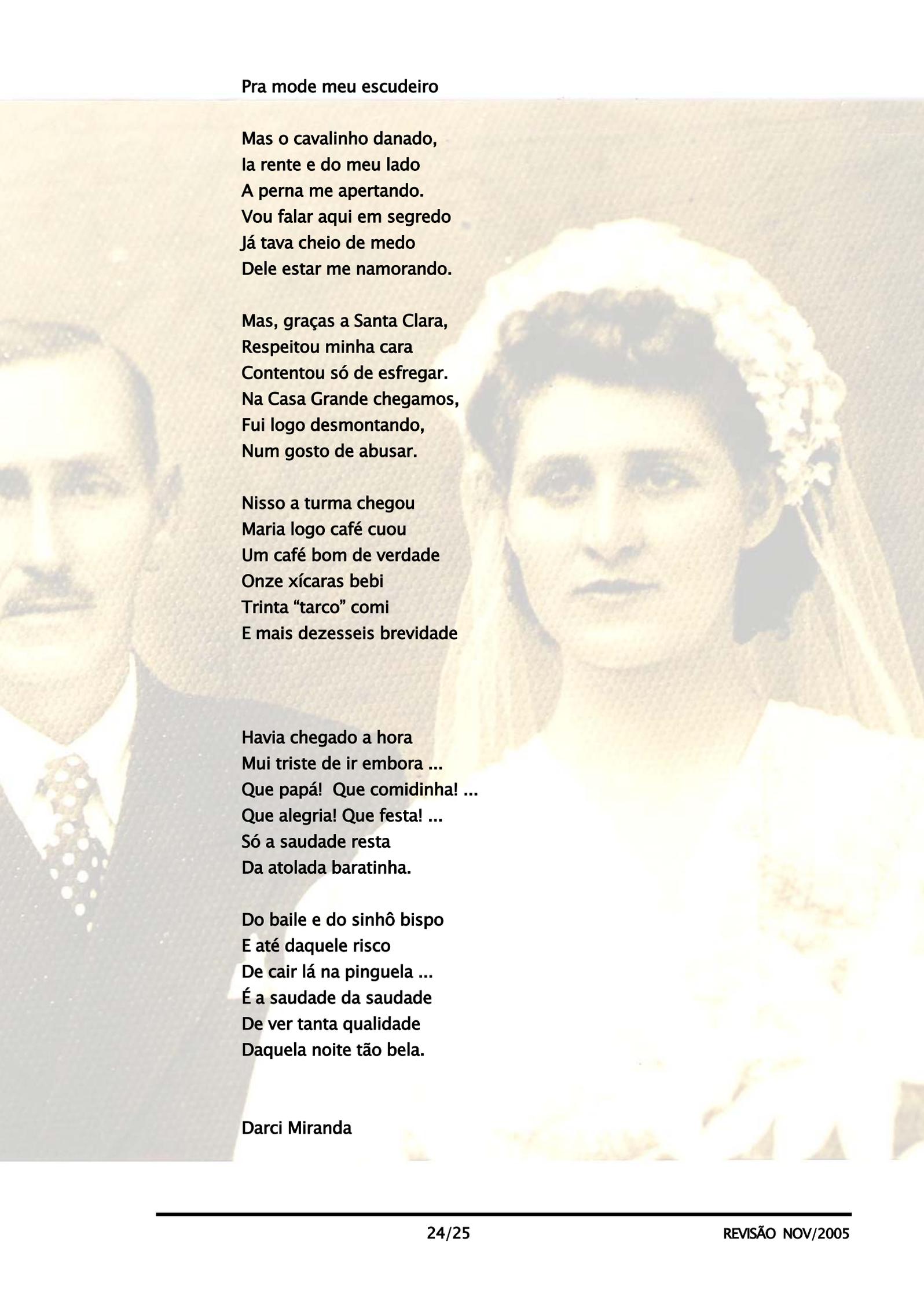
Sapecamos o pé na estrada,
A noite tava estrelada,

Calma e muito bela.
Mas logo surgiu de frente
Um pau servindo de ponte
E davam o nome de pinguela.
Fiquei embasbacado
Só pude passar agachado,
Mas minha perna tremia!
A custo pude passar
Graça eu posso dar
À Alaíde e Maria!

As duas muito amave
Viram o meu entrave
E tendo bom coração
Com a maior delicadeza
Elas, por gentileza,
Me agarraram na mão.

Mauricio vinha de lado
Numa égua montado
E o potrinho a acompanhar.
Me deu a montaria.
Meu Deus, que porcaria,
O cavalinho a me esfregar.

Saí pulando de trote
Parecia Dom Quixote
Quando era cavaleiro
Mas quedê a esperança
De ter junto um Sancho Pança



Pra mode meu escudeiro

Mas o cavalinho danado,
la rente e do meu lado
A perna me apertando.
Vou falar aqui em segredo
Já tava cheio de medo
Dele estar me namorando.

Mas, graças a Santa Clara,
Respeitou minha cara
Contentou só de esfregar.
Na Casa Grande chegamos,
Fui logo desmontando,
Num gosto de abusar.

Nisso a turma chegou
Maria logo café cuou
Um café bom de verdade
Onze xícaras bebi
Trinta “tarco” comi
E mais dezesseis brevidade

Havia chegado a hora
Mui triste de ir embora ...
Que papá! Que comidinha! ...
Que alegria! Que festa! ...
Só a saudade resta
Da atolada baratinha.

Do baile e do sinhô bispo
E até daquele risco
De cair lá na pinguela ...
É a saudade da saudade
De ver tanta qualidade
Daquela noite tão bela.

Darci Miranda

